



INTRODUZIR EXPRESSÃO MALÉFICA E ESPIRITUOSA

CÚMPLICE DO VILÃO

CAUINHAS!
TALVEZ
MAIS LOGO
WOO!
OUTRA VEZ?

NÃO!
UPS!
SOS!
MAS MAIS MOÇAS

HANNAH NICOLE MAEHRER

TOP
SEL
LER

*Aos meus avós Georgann, Richard, que já partiu,
Rosalie e James, por me terem transmitido tão
generosamente o vosso amor pelas histórias.
Amo-vos profundamente.*

*E a todos vós,
é assim que imagino a cúmplice
de um vilão de fantasia moralmente ambíguo.*

RENNEDAWN

A
GRANDE
BUSCA
PELA
VARINHA!

NÃO
ESTÁ
AQUI

CIDADE CINTILANTE

LISTA DE
AFAZERES MALÉFICOS:

- ☐ ENCONTRAR A VARINHA MÁGICA
- ☐ FAZER MALDADES
- ☐ CAOS
- ☐ CONFUSÃO



EU  O MAL

ONDE FICA
A MANSÃO DO
MASSACRE?
(NUNCA DIREMOS)

FLORESTA DAS NOGUEIRAS

NEM
AQUI

NÃO
ESTÁ
AQUI

A
ENSEADA

ALDEIA DO CORAÇÃO

MAR LILÁS

EU GANHO!



Cúmplice do Vilão é um romance de fantasia que provoca gargalhadas, com membros decepados a serem atirados da varanda por diversão e fadas do escritório a envenenarem a bebida do caldeirão.

Como tal, a história apresenta elementos que podem não ser adequados a todos os leitores, incluindo sangue, morte, batalha, ferimentos graves, dor extrema, tortura, distanciamento familiar, linguagem gráfica, situações sexuais, maus-tratos infantis e encarceramento de um animal. Os leitores que possam ser sensíveis a estes elementos devem ter isso em atenção.



Era uma vez...

O primeiro mês de Evie Sage a trabalhar para O Vilão tinha sido pouco convencional, mas pelo menos não cataclísmico. Uma bebida do caldeirão derramada aqui, um estagiário envenenado ali. Mas *tinha havido* alguns incidentes estranhos... O mais recente sendo ter sido convocada para o trabalho duas horas mais cedo para uma reunião que ela tinha quase a certeza de que poderia ter sido uma mensagem curta enviada através dos corvos.

Arranja desculpas melhores para te queixares, Evie! Como a mão que encontraste no caixote do lixo na semana passada!

Embora isso lhe tivesse dado pelo menos a oportunidade de perguntar ao patrão se *precisava de uma mãozinha extra*. O horror franco na cara dele tinha-a feito rir-se tanto que quase ficara enjoada.

Era um pouco desconcertante o facto de ele ter ficado mais ofendido com as suas piadas inofensivas do que com o membro estranho que tinha deitado fora juntamente com o pergaminho — Becky *detestava* quando misturavam qualquer coisa com a reciclagem de pergaminhos —, mas estava a divagar.

Suspirando e limpando o sono dos olhos, observou a barreira invisível que rodeava a Mansão do Massacre tremeluzir sob os seus dedos. O olhar de Evie desviou-se para o sol nascente que derramava cor

no céu ainda escuro. Parecia que alguém tinha despejado tintas cor de laranja e cor-de-rosa numa tapeçaria cinzento-escura — bonito, se é que alguma coisa pode ser considerada bonita antes das oito da manhã.

Marv, o guarda malévolo do portão da frente, acenou-lhe gentilmente, e ela sorriu-lhe com alegria, soprando-lhe um beijo que o fez corar.

— Bom dia, menina Sage! Os deuses ajudam quem cedo madruga?

O cabelo dele, normalmente selvagem, estava enfiado num capacete de cabedal vermelho, enquanto o de Evie estava entrançado para o lado, com alguns cabelos soltos à volta do rosto, balançando ao sabor da brisa matinal.

Ela deu um passo atrás quando a grande porta de madeira se abriu com um rangido familiar, deixando sair o frio húmido do hall de entrada que lhe refrescou as bochechas e lhe preencheu os sentidos com o cheiro a lenha queimada e a paredes bafientas.

— É mais do género «o patrão não despede quem cedo madruga»... E, conhecendo-o como conheço, receio que o fizesse mesmo.

O riso de Marv soou atrás dela enquanto os seus saltos estalavam no chão de pedra, a luz da tocha iluminando a sala e aquecendo-a do ar da manhã. Um gemido baixo ecoou do outro lado do espaço grande e aberto, perto do único canto que estava envolto em escuridão.

Ela franziu as sobrancelhas e acenou com a mão para a frente.

— Olá? Seja qual for o som assustador que estás a tentar fazer, podes fazê-lo à luz das tochas para que eu te possa ver? Assim posso gritar como deve ser.

— Sage? — A voz rouca do Vilão causou-lhe um arrepio na espinha. — Não devias estar aqui — grunhiu ele, com a sua forma escura a aproximar-se do limite das sombras que o encobriam.

Ela bufou e franziu o sobrolho, cruzando os braços e empurrando a grossa trança para trás do ombro.

— Nisso, estamos de acordo. Eu ainda devia estar na cama, enrolada com a minha companhia noturna favorita.

Ela pensou tê-lo ouvido engasgar-se.

— Companhia? — Havia um estranho tom de alerta na palavra que a fez estremecer ligeiramente.

— Sim. — Ela cruzou os braços. — O nome dele é Sr. Muffins.

— Sr. Muffins? — Evie viu a sombra dele a aproximar-se da luz, para lhe perguntar, numa voz áspera e misturada com confusão. — Andas a deitar-te com um homem chamado Sr. Muffins? Quem é que nas terras mortas tem um nome tão ridículo?

Ela mordeu o lábio para não sorrir perante a sua óbvia indignação.

— Um ursinho de peluche que tenho desde os 6 anos.

Fez-se um longo silêncio até que uma simples palavra o quebrou.

— Ah.

Ela bufou e aproximou-se, tal como ele, banhando-se por fim na luz das tochas e nas cores que se infiltravam na sala vindas do sol nascente. Parou a poucos metros dele, e os seus olhos arregalaram-se quando viu a cara do Vilão, as palavras a saírem-lhe da boca antes que ela pudesse pensar melhor.

— Uau, o senhor está... terrível.

A parte lógica e emaranhada do seu cérebro suspirou e virou-se para não ter de testemunhar o que viria a seguir.

A barba do patrão, normalmente bem aparada, estava enorme, a camisa desalinhada, o cabelo despenteado e as calças, normalmente engomadas, estavam amarrotadas.

— Peço-te que não me enchas de elogios, Sage. Eu não sei o que fazer com eles.

A preocupação instalou-se-lhe no fundo do estômago. Até o seu comentário seco parecia estranho, quase reservado. Pigarreando, ela aproximou-se para ver o resto dele. Olheiras debaixo dos olhos, dedos flexionados, maxilar tenso, veia pulsante na testa.

Ela franziu o sobrolho e fez um esgar.

— Um dos estagiários disse-lhe bom dia outra vez? Eu disse-lhes que os cumprimentos agradáveis eram estritamente proibidos.

Ele fechou os olhos por momentos e apertou a boca numa linha firme, como se, se pressionasse com força suficiente, pudesse esmagar qualquer emoção que estivesse prestes a manifestar-se nos seus lábios.

— Por mais que eu goste de culpar os outros pelos meus erros, receio que não haja ninguém a culpar pela minha aparência desleixada a não ser eu mesmo. — Os seus olhos escuros percorreram o vestido cor de laranja, com o desagrado pela escolha de cor óbvio nos seus punhos cerrados. — E a ti, suponho. Por teres a ousadia de testemunhar isso.

A porta fechou-se atrás deles de repente, e Evie sobressaltou-se, levando uma mão ao peito e ao coração acelerado.

— Não acho que seja justo culpar-me por alguma coisa quando foi o senhor que me pediu para vir aqui tão cedo.

Ele franziu mais a testa — se é que isso era possível —, o que o fez ficar ainda mais bonito...

Se é que isso era possível.

Irritada e cansada, ela perdeu a paciência à espera que ele lhe respondesse.

— Mandou um corvo...

Quando ele a olhou fixamente, ela continuou a balbuciar palavras, a boca ansiosa por tirar todos os pensamentos da cabeça para dar lugar a novos.

— Apareceu à minha janela às quatro da manhã e pregou-me um susto de morte. Com um bilhete a dizer que tínhamos uma reunião de manhã cedo sobre algo urgente?

Um murmúrio baixo saiu-lhe dos lábios fechados. Isso eliminou qualquer cansaço remanescente no sistema dela, como uma bebida do caldeirão, mas melhor, mais quente.

— Não me lembro de o ter escrito ou enviado... A minha contenção está em baixo esta manhã, Sage, e aparentemente a minha memória também. Devo tê-lo escrito antes de estar completamente lúcido. Por favor, ignora o corvo.

Um barulho de metal soou do pátio das traseiras — os Guardas Malévolos deviam estar a fazer o exercício matinal com as suas armas letais. O que era apropriado, já que ela estava agora a imaginar pegar em algo afiado e esfaquear o patrão no dedo do pé.

— Ignorar? Não podia ter *ignorado* antes de o seu maldito pássaro ter cortado dois anos e meio da minha vida?

— Esse é um número assustadoramente específico — respondeu ele, apoiando as mãos na cintura estreita.

— Também foi assustador para mim — disse ela, rindo enquanto ele olhava.

— Eu controlo muito bem a minha magia, mas acho que às vezes, quando durmo, quando o meu corpo relaxa, ela agita-se desconfortavelmente e não me deixa continuar a descansar.

Uma pontada no peito que ela identificou como simpatia fez com que a sua raiva se dissolvesse como sombras à luz do sol.

— Lamento ouvir isso. Há alguma forma de eu poder ajudar?

O maxilar dele ficou frouxo.

— Ajudar... com a minha magia de morte? A magia que põe a maioria das pessoas a correr e a gritar?

Ela pestanejou inocentemente.

— Posso fazer isso *depois* de ajudar, se o fizer sentir-se melhor.

A expressão incrédula dele poderia facilmente transformar-se numa gargalhada, se ela o pressionasse um pouco mais...

Mas, claro, como seria de esperar de Evie, o desastre teve de acontecer primeiro.

Dobrando-se repentinamente, O Vilão respirou pesadamente, apoiado nos joelhos.

— Raios. Ardem-me as mãos, e o meu braço... — Ele esticou a mão para agarrar o braço, circundando o bíceps.

A mão dela pousou levemente sobre a dele, tentando ser gentil com um homem que ela sabia não estar habituado a isso. E, de facto, a reação do Vilão foi violenta e repentina. Tão repentina que se afastou como se ela lhe tivesse colocado uma chama sobre a pele.

— Sage, estás louca? Eu sou perigoso neste momento.

— Eu sei — disse ela suavemente. — Ainda não bebeu a bebida do caldeirão.

— Não tens graça nenhuma — sibilou ele.

Evie aproximou-se mais, inclinando o corpo um pouco para baixo, de modo a encontrar o rosto do Vilão.

— Deuses, mas isso não é motivo para chorar. Eu acho que *o senhor* é tão divertido como madeira seca, e não me vê a desatar a chorar.

O rosto dele suavizou-se quando olhou para cima, perplexo, e depois abanou a cabeça, mas de uma forma mais suave.

— Sage. Como é que vieste aqui parar?

Ela cruzou os braços.

— Vim a pé.

— Foi uma pergunta retórica — disse ele, quase não parecendo afetado, com a sua voz a perder a tensão.

— Essas perguntas são as mais divertidas de responder.

Ele suspirou; era um suspiro de derrota. Ela sabia-o bem.

— Porquê, Sage?

Evie apoiou uma mão na anca para se inclinar mais para baixo.

— Porque o irrita.

O suspiro áspero dos lábios dele quase podia ser considerado uma gargalhada, se ela fosse suficientemente inteligente com a sua imaginação. Quando ele se ergueu de novo, esfregando os nós dos dedos em movimentos suaves, os últimos pontos de tensão no seu rosto finalmente voltaram à expressão habitual.

Ela não conseguia ver a magia dele — ninguém conseguia, e provavelmente nunca conseguiria —, mas conseguia sentir algo muito escuro a mover-se na sala com eles, mais pequeno do que era há momentos atrás, mas ainda assim algo que a deveria ter feito encolher-se de medo. Em vez disso, ela sentiu-se acomodada, quase... confortada?

Evie ficou onde estava.

— Está melhor, senhor?

A cabeça dele virou-se para ela lentamente, as sobrancelhas escuras inclinadas para baixo.

— Sim. Estou. Como é que...

Ela encolheu os ombros, olhando para o brilho de suor na testa dele.

— Acho que é mais difícil concentrarmo-nos na dor quando estamos distraídos, e eu sou excelente a distrair.

Tirando um lenço amarelo do bolso, ela deu um passo em frente e começou a esfregar-lhe a pele, apoiando-se no braço dele com a outra mão. O homem era mais alto do que seria sensato.

Ela tomou nota para começar a usar saltos mais altos.

Para tornar o sermão mais eficiente. Por nenhuma outra razão.

O antebraço exposto do homem ficou arrepiado, com o frio da sala a instalar-se depois de a adrenalina ter desaparecido do seu sistema.

— Obrigado, Sage. — Ele pressionou o tecido colorido nos nós dos dedos, a cor contrastando fortemente com o seu traje todo preto. — Eu devolvo-o logo. Limpo, é claro.

Ela abanou a cabeça, sorrindo gentilmente.

— Guarde-o. De qualquer forma, precisa de injetar mais cor no seu guarda-roupa.

Ele acenou com a cabeça, processando as palavras como se estivesse a escrever atualizações nos seus registos de inventário.

— Muito bem.

Um pequeno coaxar soou do outro lado da sala, e os olhos de Evie seguiram-no até que captou o brilho da coroa reluzente de Kingsley e o fulgor dos seus olhos dourados. As esquisitices do sapo tinham-na conquistado no seu curto tempo no escritório, e as suas pequenas placas encantadoras eram uma adição querida ao que estava a revelar-se ser um trabalho bastante sangrento.

Literalmente.

— Bom dia, Kingsley. Estás muito bonito hoje.

Seguiu-se mais um coaxar e o patrão arregalou os olhos de aborrecimento. Demasiadas gentilezas, era claro.

— Parece que ele está a tramar alguma. O que estás a fazer aqui em baixo, Kingsley? A tentar mais uma fuga?

— Talvez ele tenha vindo ver como o senhor estava — sugeriu Evie, mas a última palavra desvaneceu-se lentamente quando o patrão lhe lançou um olhar fulminante. Ela deu alguns passos cuidadosos para trás, aproximando-se das escadas, para mais perto de Kingsley, que estava a rabiscar furiosamente na sua pequena placa.

— É pouco provável — disse o patrão sem rodeios, contornando-a e dando dois passos largos pelas escadas, que rangeram. O que, pensou ela, não fazia muito sentido; não deveria haver rangidos. As escadas eram de pedra.

— O que foi isto? — perguntou ela, olhando de um lado para o outro à procura da fonte do rangido. Que tolice.

Devia ter olhado para cima.

— Sage!

Antes que pudesse respirar novamente, estava a ser puxada para a frente como uma boneca de trapos, e um grito de susto saiu-lhe dos lábios quando um grande estrondo soou atrás dela. Tossiu com o pó que foi levantado e com o súbito fluxo de luz que entrou pelo telhado.

— Estás ferida? — perguntou o patrão, o timbre baixo da sua voz tirando-a da adrenalina que lhe acelerava a mente. Os olhos escuros dele estavam a examiná-la, as mãos grandes em cada um dos seus ombros. Isso levou-a de volta ao primeiro encontro deles na floresta. Tinha

pensado que o choque do seu toque se desvaneceria com o passar do tempo... Não teve essa sorte.

Só conseguiu acenar com a cabeça antes que ele afastasse as mãos, caminhando em direção à laje destruída do telhado que quase a tinha esmagado.

— Devo mandar chamar alguém para reparar o telhado, senhor? — perguntou ela cuidadosamente, espantada com a firmeza da sua voz quando o coração dela parecia bater fora do peito.

— Quase foste esmagada e estás a perguntar pelo telhado? — Ele olhou para ela, ligeiramente indignado.

Evie encolheu os ombros.

— Ainda assim, acredite ou não, não foi o meu dia mais perigoso no trabalho.

Algo se ensombrou no rosto dele, mais do que o normal. Ficou a olhar para o buraco no telhado durante alguns segundos, respirando fundo e com firmeza.

— Ainda és nova aqui, Sage. Não te preocupes. Ainda há tempo.

Ela riu-se, e ele fez uma careta, como se tivesse comido uma uva azeda.

— Então, hum... O que aconteceu com o telhado?

— A mansão é antiga. Talvez tenha sido um desgaste natural. Alguns parafusos enferrujados a ceder, provavelmente. Vou pedir a alguém do escritório para dar uma vista de olhos e mandar reparar o buraco. Isto não voltará a acontecer.

Ela hesitou.

— É pena. As experiências de quase-morte são um bom estímulo matinal.

— Fica-te pela bebida do caldeirão, Sage. Especificamente, para mim. Mais especificamente ainda, na minha mesa, daqui a vinte minutos. Mas tem cuidado ao contornar esta confusão.

Ele deu um pontapé no pedaço de telhado partido, como se este o tivesse ofendido profundamente, e Evie entendeu que estava dispensada. Saltitou à volta dos escombros, tossindo um pouco quando os seus pés levantaram mais pó. Sentiu algo debaixo do sapato, fazendo um pequeno ruído ao deslizar pelo chão. Quase tropeçou noutro objeto quando se baixou para o apanhar. O metal brilhou-lhe na mão.

Parafusos. Nem um pouco enferrujados. Na verdade, pareciam perfeitamente intactos.

— Eu disse-te para teres cuidado.

As palavras pararam-na e, quando se virou para olhar para ele, O Vilão parecia mais velho do que ela sabia que era. Dominado por um fardo que nunca partilharia com ninguém a não ser consigo próprio.

Ela sorriu alegremente, tentando não se ofender quando ele estremeceu.

— Sou uma péssima ouvinte.

— Um dia, isso ainda te vai meter em sarilhos.

Ela torceu o nariz antes de girar, o vestido balançando sobre as suas pernas enquanto se dirigia para as escadas para ir buscar uma chávena de bebida do caldeirão para cada um. Kingsley saltitou ao lado dela, equilibrando perfeitamente uma placa num dos dedos palmados, com a palavra que ele tinha tentado expressar mais cedo, escrita de uma forma clara.

PERIGO.

Ela esboçou um pequeno sorriso.

— É um pouco tarde para esse aviso, Kingsley.

Ela endireitou-lhe delicadamente a coroa e continuou a subir as escadas.

— Acho que o facto de eu ser péssima ouvinte um dia ainda o vai meter em sarilhos *a si* — gritou enquanto atirava os parafusos ao patrão, que os apanhou no ar e franziu o sobrolho ao vê-los.

Ela quase parou de novo ao ouvir um som. Quase parecia que O Vilão tinha sussurrado algo atrás dela.

Algo muito parecido com...

«Já meteu.»



KINGSLEY

Havia cabeças cortadas penduradas no teto... e uma delas pertencia a Trystan Maverine.

Alexander William Kingsley acordou com o pequeno coração a bater-lhe no peito verde e viscoso. As almofadas da sua pequena cama dourada estavam apertadas sob os seus dedos dos pés, e ele olhou para o homem adormecido na cama, relaxando apenas ligeiramente quando viu o peito de Trystan Maverine mover-se a um ritmo suave e ouviu um ligeiro ronco escapar das narinas do seu melhor amigo.

Um pesadelo horrível. Era só isso.

Alexander não lhe prestaria qualquer atenção, para não enlouquecer a tentar comunicar aquilo com que sonhara, uma maldita palavra de cada vez. Era manhã, os pássaros cantavam alegremente lá fora e ele tinha acordado...

Mais um dia no corpo de um sapo.

Era um pesadelo completamente diferente — ou pelo menos, ele costumava pensar assim. Ao longo da década que passara a lamentar a perda da sua vida como homem, Alexander tinha descoberto várias coisas úteis sobre a sua situação.

1. Não havia expectativas exaustivas de ser sempre galante e cavaleiresco (porque quem é que, no seu perfeito juízo, esperaria que um sapo fosse uma dessas coisas?);

2. Não tinha de preencher os silêncios com conversas inúteis. (Na verdade, tinha descoberto que, na maioria dos casos, uma única palavra era mais do que suficiente.)
3. Era suficientemente pequeno para se esgueirar pela mansão para onde quisesse, a fim de vigiar os seus amigos de perto (e nunca é de mais lembrar o quanto os seus amigos *precisavam* de ser vigiados).
4. As pessoas esqueciam-se muitas vezes de que ele já tinha sido humano, e descuidavam-se em confissões, segredos e até sentimentos. (Todos os dias era uma nova diversão!)
5. E por fim, e certamente o mais agradável, era ver o seu melhor amigo — O Vilão —, um homem que Alexander nunca pensara ver abrir o seu coração frio e fechado, apaixonar-se verdadeira, profunda e loucamente por Evie Sage.

Um grito soou no corredor e Trystan acordou tal como Alexander tinha feito momentos antes.

— Que raio se passa? Quem está a gritar? — resmungou ele rudemente, virando-se para Alexander com o rosto inexpressivo. — É uma das Sage, não é?

Tinham-se passado duas semanas desde que a Guarda Valente atacara a mansão, desde que a guivre grávida fora levada e desde que a mãe de Evie, Nura, regressara do seu esconderijo entre as estrelas. Duas semanas inteiras de Evie e Trystan sem se falarem — em parte devido ao impacto errático que Evie parecia ter na magia de Trystan e, em parte, Alexander tinha a certeza, porque os dois prefeririam andar às cabeçadas a confrontar os sentimentos que não queriam expressar.

Ou «tortura para as massas», como Alexander chamava agora à forma silenciosa como eles se evitavam.

Trystan resmungou, atirando para trás as cobertas e vestindo a camisa lançada sobre a cadeira ao lado da sua nova secretária. De alguma forma, o movimento coincidiu quase na perfeição com Lyssa Sage a entrar porta adentro a correr, a rir e a travar bruscamente ao ver a caranca de Trystan.

— A Evie diz que se fizer caretas assim, vai ficar com essa cara de forma permanente, Lorde Trystan — disse Lyssa, dando a Alexander um pequeno aceno.

Alexander levantou o seu pé palmado e acenou de volta. Lyssa Sage era uma alegria constante, tal como todas as crianças que ainda não tinham sido tocadas pelos horrores da idade adulta.

E pela perversão do bom senso.

— Ótimo. Prefiro a minha cara assim — resmungou Trystan, enfiando as pontas da camisa dentro das calças largas enquanto Lyssa foi abrir as cortinas escuras das janelas.

A rapariga franziu o sobrolho para ele enquanto a luz da manhã entrava.

— Prefere a sua cara assim? Porquê?

— Gosto de parecer zangado e intimidante — respondeu Trystan, enfiando um pé em cada uma das suas botas gastas.

— Mas não parece — murmurou Lyssa, apertando os lábios. — Parece que precisa de ir à casa de banho.

Rindo por dentro, Alexander rabiscou furiosamente uma palavra numa das suas placas — uma proeza difícil quando Trystan lhe apresentara a ideia pela primeira vez, enchendo a área do escritório e todas as divisões com cestos cheios de pequenas placas e giz para uso exclusivo de Alexander. Nas primeiras vezes, a sua caligrafia era péssima, mas após dez anos de prática, ninguém tinha dificuldade em decifrar o que ele queria dizer.

Ergueu a placa com orgulho: SIM.

— Vou deitar todas essas malditas placas fora agora mesmo! — sibilou Trystan. Era uma ameaça vã, uma que Trystan tinha proferido inúmeras vezes ao longo dos anos e que Alexander sabia que o amigo nunca se atreveria a concretizar.

— Lyssa! — Outra voz leve ecoou pelo corredor. — O teu pequeno-almoço está na cozinha! — Alexander identificou a voz como sendo a de Evie Sage, a recém-promovida aprendiz do Vilão.

Se Alexander já não tivesse reconhecido a pessoa associada à voz, bastar-lhe-ia ver como Trystan ficara rígido ao ouvir o som, como se mais uma palavra o fosse partir em dois.

— Vem tomar o pequeno-almoço, Lorde Trystan? — Lyssa pestanejou na direção dele, e depois esboçou a Alexander um sorriso inocente.

Trystan fitou a porta com intensidade, como se estivesse a desejar que Evie ficasse bem longe dele. Mas Alexander conhecia o conflito

interno do amigo suficientemente bem para perceber que Trystan desejava que ela entrasse na mesma medida. Isto tinha-se tornado, na opinião de Alexander, um ritual masoquista nas últimas duas semanas.

Na verdade, «O Vilão» lançava olhares furtivos à jovem mulher desde o início; isto não era novidade. Começaram como sendo olhares curiosos, como quem estuda um espécime de laboratório, depois, com relutância, passaram a olhares fixos e intrigados e, por fim, para a fase atual — olhares de desespero puro e agonizante. As últimas duas semanas, no entanto, tinham levado a tortura autoinfligida do homem a um novo extremo. Na última quinzena, O Vilão andava a arrastar-se pelos cantos, a demorar-se em portais e a encostar o ouvido a qualquer parede do lado oposto em que ela estivesse.

Nada de especialmente diferente de antes...

Exceto pelos gemidos.

— Tomarei o pequeno-almoço no meu gabinete. — Trystan parou a meio caminho da porta. — A tua irmã... veio buscar-te?

Lyssa abanou a cabeça inocentemente.

— Não. Ela está só a voltar de um recado.

A expressão de Trystan não mudou, mas os olhos dele ficaram mais alerta, o seu olhar fixo na menina, embora se tenha suavizado quando dobrou um joelho para ficar à altura dela.

— De que falas, pequena vilã? Que recado?

Lyssa encolheu os ombros e gesticulou com um braço em direção à porta de onde a voz de Evie acabara de soar.

— Não sei. Ela só disse que era fora da propriedade com a Keeley e que eu não podia ir.

Alexander não ficou surpreendido pela crispação do maxilar de Trystan nem com a evidente inquietação que lhe sombreou os olhos escuros. A mansão tinha sido localizada, e o rosto de Evie estava afiado por toda a Rennedawn num cartaz de PROCURADO com uma generosa recompensa anexada. A única proteção que tinham agora contra a Guarda Valente era um bosque de espinhos plantado por um jardineiro do mercado negro, que tinha provado ser um impedimento eficiente para os homens do rei até agora. Mas fora das portas da mansão... o perigo era real. E grande.

Ainda assim, a presença de Keeley — a chefe da guarda do Vilão — era um indício de que Evie provavelmente não correria perigo grave. A jovem tinha sido colocada no comando por razões muito sólidas e muito violentas.

Logicamente, Alexander sabia que não precisava de se preocupar. Suspeitava que Trystan também soubesse disto, e embora Alexander fosse um sapo e não um leitor de mentes, quando passamos cada momento de cada dia durante dez anos seguidos a observar, tornamo-nos especialistas na arte da observação. Mas isso pouco importava.

Não era preciso ser-se especialista para olhar para Trystan Maverine e saber que o sentimento a borbulhar dentro dele era a mais pura espécie de raiva.

Mas Trystan não demonstrou nenhuma dessas emoções a Lyssa, que o olhou com preocupação, os seus grandes olhos castanhos fixos nele.

— Já que a Evie está tão ocupada, podemos fazer o nosso lanche hoje, Lorde Trystan?

Trystan pareceu aliviado com a mudança de assunto e assentiu com a cabeça, com um pequeno movimento do canto dos lábios para cima.

— Suponho que posso adiar o meu treino da tarde de tiro ao alvo.

Lyssa guinchou de alegria e dirigiu-se à porta — felizmente sem saber que os alvos nesses treinos eram os estagiários.

Enquanto Alexander e Trystan observavam a cabeça escura de Lyssa Sage desaparecer, um clima sombrio desceu sobre o espaço agora vazio e sem alegria. Trystan suspirou antes de se mover para abrir o armário e de lá tirar o que Alexander sabia ser algo de grande importância para o amigo.

O cachecol que Evie lhe dera no seu fatídico primeiro encontro estava nas mãos de Trystan, e Alexander observou com uma dolorosa simpatia enquanto Trystan levava o cachecol ao rosto e fechava os olhos.

Era demasiado triste até para um sapo amaldiçoado assistir.

Alexander Kingsley voltou a sua atenção para o chão enquanto o amigo lamentava um destino que Alexander jurava poder evitar.

Se ao menos fosse humano o suficiente para o impedir.



CAPÍTULO 2

O VILÃO

Trystan Arthur Maverine levava a tortura bastante a sério, mas as últimas duas semanas tinham atingido um novo nível de baixeza, mesmo para ele.

Tentar manter-se afastado de Sage era como um espetáculo de terror que ele tinha visto num teatro há uns anos: sangrento, horrível e forçando-o a questionar a sua capacidade de tomar decisões sensatas. A porta estava entreaberta, e o burburinho matinal dos funcionários a entrar fez com que uma dor se formasse perto das suas têmporas. Mesmo assim, ele não conseguia fechá-la.

Porque, apesar de Sage estar do outro lado do amplo escritório — e embora ele tivesse de se esforçar para o fazer —, Trystan ainda conseguia ouvi-la cantarolar.

Não podia fechar a porta... e arriscar-se a perder isso.

Mesmo que o som o devastasse tanto quanto o curava.

O burburinho baixo do escritório lá fora aumentou, sinal revelador de alguma nova fofoca que estaria nos ouvidos de Tatianna antes do final do dia. Ele não se importava; o seu mau humor tinha arrasado qualquer sentido de decoro social que pudesse ter. Não que muito tivesse existido dentro dele mesmo antes de se ter afastado de Evie para o bem de ambos. Sage acreditava que a separação deles era em nome da proteção da sua magia, mas, na verdade, Trystan pouco se importava com isso. Ele não queria saber de nada a não

ser preservar o frágil elo entre eles sem que o destino o partisse em dois.

A Evie Sage está destinada a ser a tua ruína, e tu a ruína dela.

Os monstros do destino eram raros; a maioria considerava-os meros mitos. Criaturas que existiam antes da criação do continente mágico, observando, esperando que os deuses o pintassem de magia e cor.

O monstro do destino na Fortaleza da Família Fortis tinha anunciado a tragédia do seu futuro como se fosse absoluta, mas Trystan declarou para si mesmo que podia evitá-la... se a evitasse a *ela*.

A sua cadeira rangeu contra o chão de pedra quando a atirou para trás com tanta força que bateu na parede. A madeira estalou sob o seu punho enquanto agarrava a porta pela extremidade, mas antes que pudesse fechá-la com força e trazer para si a paz por que desesperadamente ansiava, a entrada para o espaço principal do escritório abriu-se.

E o que ele viu fez com que o puxador se dobrasse sob a sua mão.

Sage apareceu na entrada de calças, uma perna elegante a mover-se à frente da outra, não lhe dando outra escolha senão abrir mais a porta do gabinete, afastando-se do seu refúgio seguro, o mesmo espaço onde a secretária dela tinha estado.

As fadas de gelo enviavam suaves correntes de ar frio pelas condutas de ventilação do escritório para compensar o calor sufocante lá fora. Estas roçaram a pele no pescoço de Trystan para o arrefecer. Mas não fez diferença. Tudo parecia queimar.

Sage entrou, e as conversas altas foram diminuindo para murmúrios enquanto ela começava a caminhar pelo meio do escritório, na direção dele. Trystan tentou manter-se impassível apesar da determinação no olhar dela, enquanto as suas ancas se moviam e ela olhava diretamente para ele pela primeira vez em treze dias e meio.

Ele cruzou os braços e encostou-se à moldura da porta, esperando, observando, tentando mostrar indiferença. Encarando o desafio nos olhos dela com um dos seus. Trystan só vacilou quando notou alguns olhares de outros funcionários — demorando-se na forma como as calças de Sage lhe assentavam ou na forma como as suas mãos estavam juntas atrás das costas, em como ela erguia o peito num ângulo arrebatador, ou na pequena curva dos seus lábios vermelhos quando

foi parada por um dos seus financeiros. Ela afastou-o educadamente quando se inclinou e sussurrou algo ao ouvido dela que a fez corar. Foi apenas um breve momento de desconforto enquanto ela continuava a passar pelo homem.

Era o suficiente.

Finalmente, pensou ele maniacamente. *Uma desculpa para queimar todos os livros de aritmética num raio de dezasseis quilómetros.*

A gargalhada de Sage interrompeu a diatribe interior de Trystan quando ela tocou gentilmente no funcionário das finanças com a anca. Demasiado gentilmente, na opinião de Trystan. Ela precisava de usar mais força... ou uma picareta.

Trystan anotou mentalmente que tinha de deixar uma no gabinete dela mais tarde, com um laço azul.

Manter-se à distância de Evie não significava que não pudesse presenteá-la com armas — isso não deveria tentar o destino ou seja lá que força maldita decidira que juntos seriam a ruína um do outro.

Como se pressentisse a turbulência dos seus pensamentos, os olhos claros de Sage voltaram-se para os de Trystan. O seu estoicismo praticado devia estar bem presente, a julgar pelo gelo que a expressão dela lhe devolvia. Evie odiava quando ele era impassível. Mal sabia ela que, por baixo da expressão vazia, fervilhavam tantos sentimentos que quase lhe saíam pelos ouvidos. Era horrível.

Ela parou em frente a Trystan, demasiado perto para ser confortável, demasiado perto para respirar.

— Bom dia, senhor. — Os seus caracóis estavam presos para trás, com pequenas madeixas soltas, provocando os lados do rosto dela.

Evie não se dirigia diretamente a ele há quinze dias, e aquelas três palavras fizeram com que o seu coração negro lhe ficasse preso na garganta.

— Bom dia, Sage. — Trystan engoliu em seco, quase a fazer uma careta devido à rouquidão da sua voz.

Sem cerimónias, ela empurrou uma pequena folha de notas contra o peito dele, atada com um fio castanho. Foi então que ele percebeu por que razão as mãos dela estavam juntas atrás das costas; não foi só para o torturar. Pelo menos, era o que Trystan inferia, olhando para os dedos delicados dela com mais curiosidade do que horror.

— Vou perguntar sobre estes documentos que me apresentaste, Sage, mas primeiro acho que prefiro abordar o elefante na sala.

Meus deuses, ela parecia confusa enquanto franzia a testa e enrugava o nariz.

— O quê?

— As tuas mãos — disse Trystan com um sorriso irónico, apontando para elas. A sua paciência estava por um fio.

De certeza que ela sabe que é óbvio.

Sage olhou para baixo, e as suas bochechas subitamente pálidas eram o único sinal de que algo não estava bem.

— O que têm elas?

As sobrancelhas de Trystan subiram em direção à testa.

— Há alguma razão em particular? — Ele passou uma mão pela barba.

— Para quê?

— Para estarem cobertas de sangue?



CAPÍTULO 3

EVIE

Na verdade, Evie tivera mais do que tempo suficiente para lavar o sangue das mãos antes de regressar à mansão.

Mas não teria sentido metade da satisfação ao olhar o patrão nos olhos pela primeira vez em duas semanas, com uma expressão calma enquanto ele a fitava com alarme e preocupação e um silêncio desconfortável se instalava entre eles.

Estava tudo bem. Evie conhecia bem o constrangedor. Eram velhos amigos disfuncionais.

— Ah. *Este* sangue? — Ela fingiu examinar as mãos, virando os pulsos, olhando-as de todos os ângulos. A sua atuação era exagerada, quase teatral, mas o objetivo não era enganar O Vilão.

Era deixá-lo louco.

Ela encolheu os ombros, saboreando secretamente a contração na sobrelha dele. Afastando um caracol dos olhos, inclinou a cabeça curiosamente.

— Porque pergunta?

A contração transformou-se num abanão completo da cabeça dele, e Evie quase saltou de alegria. Oh, sentira tanta falta disto — provocar reações emocionais no Vilão até que ele parecesse prestes a explodir.

Não tortures o patrão, Evie!

A menos que encontres uma maneira super divertida de o fazer!

— És uma ameaça — rosnou ele.

Ela sorriu com recato enquanto fazia uma pequena vénia.

— Que amável da sua parte ter reparado.

Houve uma pausa enquanto O Vilão respirava fundo, recompondo-se. Ele estava por um fio, e mais um empurrão podia fazê-lo quebrar-se como um galho seco sob a bota dela.

Evie franziu a testa interiormente. O que ela estava a fazer... ocorreu-lhe que era bastante cruel.

A sua testa franzida rapidamente se transformou num sorriso irónico.

Esta encantadora evolução no carácter dela foi suficiente para atenuar a sua culpa por causar desconforto de forma *propositada*. Normalmente, quando o fazia, era um acidente que ela tentava logo retificar. Agora era como se a coleira do seu cérebro tivesse sido solta, e a boca dela estava demasiado feliz em acomodar o seu novo nível de liberdade.

Esta trégua de duas semanas já tinha sido bastante generosa da parte dela. A pausa do Vilão tinha terminado, assim como a sua paz.

Com um suspiro rouco e madeixas do seu cabelo por cortar a caírem-lhe no rosto, ele olhou para Evie com uma impaciência exausta.

Iupi!

— Sage, tenho assuntos mais urgentes do que decifrar o código de quem quer que tenhas mutilado esta manhã. Desembucha.

Em vez de responder como lhe fora pedido, ela estendeu a mão para o lenço que sobressaía do bolso dele, o tecido cor de vinho tão profundo que mascarava o sangue com que ela agora o manchava enquanto começava a limpar as mãos.

Ouviu-se um arfar perante as suas ações, e Evie sentiu os olhos de todos os funcionários do escritório nas suas costas, mesmo enquanto fingiam folhear papéis, usando o murmúrio baixo das conversas para disfarçar a sua bisbilhotice. Olhou para Trystan para ver se ele os repreenderia, mas ele estava evidentemente demasiado ocupado a parecer um animal encurralado, pronto para atacar à próxima ameaça.

— Já terminaste? — perguntou ele com um tom arrastado e aborrecido, mas a ligeira contração da sua pálpebra denunciou-o.

— Quase. — Ela sorriu de novo, mas mais amplamente desta vez, mostrando os dentes. Depois, terminou de limpar cada dedo com um floreado, dobrou cuidadosamente o lenço e enfiou-o de volta na palma da mão dele.

Esperou vários segundos para falar, só para ver se conseguia fazer com que a veia na testa do patrão sobressaísse ainda mais. Um novo momento de olhar silencioso se passou.

Missão cumprida.

Ela usou a sua vitória como um apelo à misericórdia.

— Fui com a Keeley aos bairros de lata da Zona Leste — disse ela, concisa e sucinta, como se estivesse a falar de um passeio por um prado cheio de narcisos e guloseimas, e não de um dos lados mais tensos e perigosos de Rennedawn, onde todo o tipo de criminosos passava o tempo.

O seu patrão incluído.

Os olhos dele arregalaram-se inacreditavelmente, e o seu maxilar contraiu-se num aperto que parecia prestes a reduzir os seus dentes a pó de osso. Foi delicioso.

— E diz-me, por favor, o que procuravam lá? — Ele aproximou-se, com o olhar duro, e pela primeira vez desde que entrara no escritório, Evie sentiu que o seu controlo vacilava. Porque esta era a primeira vez em duas semanas que estava perto o suficiente para sentir o cheiro a canela na pele dele e ver a profundidade dos seus olhos negros enquanto estes tinham vista direta para o coração dela.

— Eu... hum... — De repente, faltaram-lhe as palavras. O que, por si só, deveria indicar um desastre completo. Pigarreou, batendo com a mão no peito como se um pouco de pó tivesse ficado preso. — Estávamos à procura de pistas sobre a profecia do livro de histórias de Rennedawn. A magia está a diminuir cada vez mais. Houve relatos de grandes manchas cinzentas de terra sem cor, como se toda a magia estivesse a voltar para a terra. — Evie mordeu o lábio, e O Vilão desviou o olhar. — Se queremos ter alguma hipótese de cumprir a profecia antes que o Benedict o faça, cada pista conta. Os Guardas Malévolos receberam esta manhã uma dica sobre um cavalheiro idoso a proferir disparates poéticos relativos à história. Aparentemente, o seu bisavô foi um dos primeiros conselheiros do rei, e ele tinha lido algo sobre isso em criança. — Evie gesticulou para os papéis que estavam quase amassados nas mãos dele. — Encontrámo-lo, e bastou piscarmos os olhos umas vezes e suspirarmos de desamparo para ele nos contar tudo aquilo de que se lembrava. O que, reconheço, era pouco...

Os olhos de Trystan voltaram-se de novo para o sangue nas mãos dela, desta vez com uma intensidade que parecia poder tocá-la.

— Então decidiste puni-lo por isso?

Ela vacilou, lembrando-se dos outros homens no bar a agarrarem-na, a cicatriz no ombro a formigar em resposta à adaga escondida na sua coxa.

— Alguns dos frequentadores da taverna descobriram quem éramos e tentaram entregar-me em troca do dinheiro da recompensa.

O braço dele enrijeceu, e isso lembrou-a de que, por baixo da sua camisa de linho engomada, havia uma tatuagem dourada idêntica à que lhe adornava o dedo — a mesma que o teria alertado claramente se Evie tivesse corrido algum perigo de morte. Ele devia ter percebido que, há uma hora, ela e Keeley tinham sido cercadas como presas por um grupo de homens. Talvez ele *soubesse* e simplesmente não se importasse...?

As emoções turbulentas de Evie agarravam-se a qualquer coisa para cobrir o buraco que se abria no centro do seu peito.

— Esfaqueei um deles — deixou escapar.

Perfeito.

As sobranceiras do Vilão subiram para o céu, o olhar voltando para as mãos dela enquanto perguntava com uma calma letal:

— Só um? E os restantes?

Diminuindo a distância entre eles, com o rosto inclinado para se aproximar do de Trystan, Evie observou com satisfação enquanto a garganta dele se movia e a mão se crispava ao lado do corpo.

Ela insistiu, aborrecida por ele estar a desvalorizar o seu primeiro ato de verdadeira violência desde a sua promoção.

— Esfaqueei-o no pescoço. Isso não lhe basta?

O Vilão abanou a cabeça, o rosto rígido.

— Não, se ele te tocou. Não, se algum deles o fez.

Os lábios dela apartaram-se em surpresa, e ela pestanejou.

— Isso importa?

A raiva brilhou-lhe nos olhos escuros, mas desapareceu em segundos, e, com um pequeno suspiro de derrota, ele fechou-os.

— É claro que importa — disse O Vilão, as palavras saindo cuidadosamente, como se, ao caírem com demasiada força, pudessem quebrar alguma coisa.

A cabeça dela inclinou-se enquanto a mão roçava ao de leve onde o coração dele batia, uma sensação de calor indesejada a propagar-se através do ponto de contacto.

— Porquê? — sussurrou ela.

Ele não abriu os olhos, mesmo quando a sua cabeça se inclinou para mais perto, como se não conseguisse resistir à atração entre eles, como se fosse agonizante. Os seus ombros moveram-se numa aparente tentativa de afastar a dor.

— Porque, Sage...

Num lampejo que os separou a ambos, a sua magia de morte cinzento-escura, a magia que só ela e Trystan conseguiam ver, começou a sair dele em ondas, a rodopiar à volta dos seus pés antes de se estender para o resto da sala.

— Não! — sibilou Trystan. — Volta. Eu não te chamei!

Mas já era tarde demais.

A magia escura invadiu a sala, envolvendo tudo no seu caminho. Névoa cinzenta emaranhou-se à volta dos tornozelos dela, deslizando pelos seus pulsos e rodopiando-lhe pelas madeixas dos caracóis, tão perto que o seu sussurro fresco lhe fazia cócegas nos lados do rosto.

— Sage, afasta-te! — bramou Trystan, estendendo as mãos, o rosto tenso na sua tentativa de recuperar o controlo.

Deve notar-se que o primeiro instinto de Evie foi resistir ao pedido, ficar ao lado dele até que o poder se acalmasse — mas, numa humilhante reviravolta, ela percebeu que a única maneira de o acalmar, de acalmar a sua magia... era manter-se afastada.

O candelabro cheio de teias de aranha balançou sob a força da névoa negra, e o cartaz de PROCURADO do Vilão tremeu no seu lugar na parede.

— OK. Estou a recuar! — anunciou ela à magia, tentando sufocá-la. E falhando.

Completamente.

O cartaz de PROCURADO caiu e bateu com força no chão, produzindo um horrível som de estilhaços na sequência. A moldura rachou diretamente ao meio com o impacto, o vidro a cortar o retrato da mesma maneira, rasgando o pergaminho mesmo através da cabeça flamejante do Vilão.

— O que foi isto? — gritou um dos estagiários enquanto a névoa apagava várias tochas, lançando ainda mais escuridão sobre o espaço. Olhares acusadores caíram sobre o patrão, que ainda lutava por uma migalha de autocontrole.

— É um novo método do Dia da Dispersão — disse Evie rapidamente. Se não conseguisse acalmar o patrão, teria de se tornar útil de outra forma.

Livrando-se dos outros funcionários.

A voz do patrão estava rouca quando ordenou:

— Tenham calma. Não entrem em pânico.

— O patrão soltou um fantasma no escritório. A primeira pessoa que ele possuir perde... a cabeça! — guinchou Evie, e depois cobriu os lábios com as mãos como se tivesse sido outra pessoa a falar.

Houve um momento de silêncio, seguido rapidamente por gritos, com os funcionários a tropeçarem uns nos outros para chegar à saída, fadas a guincharem enquanto passavam a esvoaçar, uma debandada de estagiários a segui-los. Quando a última pessoa finalmente saiu do espaço, o silêncio era esmagador.

O patrão olhava fixamente para ela, o rosto ilegível, enquanto começava a caminhar casualmente até uma das cadeiras abandonadas do outro lado da sala. O poder estava a regressar lentamente para ele em ondas suaves, parte da magia ainda a pairar aos seus pés até que, com algo entre um sopro e um pequeno guincho, abandonou as suas botas e regressou para junto do Vilão. Os olhos dele já não estavam fixos nela, mas o patrão estava recostado na cadeira, os braços cruzados como um rei indolente enquanto suspirava.

Ela estremeceu como se houvesse acusação no suspiro, forçando as suas defesas a erguerem-se.

— Não pensei que fugissem *todos*.

— Ameaçaste-os com um fantasma — disse ele num tom arrastado, esfregando o queixo. — Estavas à espera de quê?

— Eu não ameacei. Avisei — corrigiu ela, caminhando até ao retrato de PROCURADO estilizado, apanhando os restos da falsa representação do Vilão que outrora lhe trouxera tanta alegria. — Preferia que eu lhes anunciasse que a sua magia se descontrola sempre que se aproxima demasiado de mim? Já agora, também podia mencionar

que toda a magia de Rennedawn está a enlouquecer porque a profecia está longe de estar cumprida. Ah! Ou podia dizer-lhes que se não a conseguirmos cumprir nós próprios, o Rei Benedict terá poder absoluto sobre o reino, provavelmente para sempre. Isso deve dar uma boa conversa na sala de descanso.

Os olhos dele brilharam perigosamente, e ela arrependeu-se das suas palavras assim que viu o seu impacto. A magia dele aproximou-se novamente de Evie, a névoa a dançar à volta dos seus pés até que ela sentiu o seu deslizar fresco contra a pele dos tornozelos. Era magia perigosa, era o que fazia do patrão «O Vilão», mas ela não conseguia deixar de achar o poder negro delicioso. Confortante, até. Como um lar que nunca conhecera.

— Sage. Acho que devias voltar para o teu novo gabinete. Já que eu estou tão... descontrolado — disse ele, engolindo em seco.

O coração dela amoleceu, e a sua alma sentiu-se tão esfarrapada quanto o retrato arruinado entre os seus dedos.

— Sabe que não foi isso que eu quis dizer — respondeu ela suavemente.

— Vai.

A palavra foi dura e fria. Nada do homem que ela aprendera a amar, nem um vestígio dele por detrás dos muros que estava a reerguer à sua volta.

Ela olhou para o cartaz, apertado entre os dedos ainda rosados pelos restos da sua escaramuça matinal, e puxou-o para o peito. Fungando e endireitando os ombros, caminhou para onde ele estava sentado e inclinou-se até ao nível dos seus olhos.

— Não.

A cabeça dele ergueu-se de repente, os lábios entreabertos, um brilho nos seus olhos negros.

— Sage...

— Menina Sage! Sr. Vilão! — Um dos estagiários mais novos irrompeu pela porta, ofegante, os braços a gesticular descontroladamente.

— É horrível!

O Vilão levantou-se de um salto, trocando um olhar com Evie enquanto se preparavam para o pior.

— Encontrámos o fantasma!



CAPÍTULO 4

EVIE

— **P**ensei que não acreditasse em fantasmas — disse Evie, enquanto davam longos passos até à cozinha do escritório, onde o aparente «fantasma» residia.

— Não acredito — resmungou o patrão.

— Então porque é que vem comigo? — perguntou ela, olhando-o com desconfiança enquanto viravam a esquina, um vislumbre de uma janela aberta presenteando-os com leves brisas quentes e o doce cheiro a relva verde.

— Porque, na remota hipótese de *haver* um espírito a assombrar a minha cozinha, não quero que sejas a primeira impressão que tem dos vivos. Vais assustá-lo.

Evie bufou e empurrou-lhe o ombro. A magia dele ajudou-a e formou uma linha à volta dos seus pés que o fez tropeçar e bater com a cabeça na parede.

— Sage!

Ela encolheu os ombros inocentemente, girando e andando para trás pela entrada da cozinha, dirigindo-se a ele com os olhos arregalados.

— Oh, desculpe. *Assustei-o?*

Quando Evie se virou, no entanto, gritou mesmo... de surpresa.

— Deuses! Mamã, o que estás a fazer?

Nura Sage estava diante deles, a gemer junto à pia da cozinha com um pano enrolado no dedo, enfiada num dos aventais gigantes de

Edwin. A peça de vestuário ficava-lhe tão comprida que a fazia parecer um espírito — a assombrar o forno, aparentemente. A mãe afastou os caracóis para trás das orelhas com uma mão, a pele dourada a brilhar de suor.

— Ouvi dizer que o vosso chefe de cozinha tinha o dia de folga, por isso lembrei-me de fazer uma das tuas sobremesas favoritas. Mas acho que fui demasiado ambiciosa. Não uso um forno desde o 15.º aniversário do Gideon. — A mãe sorriu timidamente. — Queimei-me e receio que os meus gemidos e o facto de andar curvada possam ter assustado alguns dos vossos funcionários. Esqueci-me de como sou desajeitada na cozinha.

— Não faz mal, senhora Sage — disse o patrão secamente ao lado dela. — A sua filha parece ser desajeitada em todos os outros lugares.

Evie lançou-lhe um olhar furioso, indignada.

— Não fui eu quem tropeçou na própria magia.

— Oh, deuses — disse Nura baixinho. — Não queria causar problemas. Devo retirar-me?

— Não! — gritaram ambos, voltando a olhar um para o outro com raiva. Ironicamente, por muito que os amasse a ambos, havia duas pessoas no mundo com quem Evie não gostaria de ficar sozinha, e estavam ambas diante dela. Pelo menos não agora, quando havia demasiados sentimentos em todas as direções. Queria manter a sua calma reivindicação de poder, e não conseguiria fazê-lo com Trystan quando se sentia capaz de estrangulá-lo.

E a mãe de Evie, bem... A presença da mãe parecia estar a estrangulá-la a *ela*.

— Muito bem — disse Nura cuidadosamente, afastando-se da bancada, com um olhar sereno no rosto. A mulher calma à sua frente era uma estranha para Evie. Ela tinha esperado que as semanas anteriores a reaproximassem da mãe, como tinha acontecido com Gideon, mas isto era diferente do regresso do irmão. Claro que tinha doído o irmão ter-se mantido voluntariamente afastado durante todos aqueles anos, mas não tinha começado assim. Ele nem sempre tinha tido escolha.

Nura Sage, no entanto, tinha tido escolha, e por mais sentimentos de alegria que viessem com o reencontro, e apesar de toda a dor que Evie sabia que a mãe tinha sofrido, não conseguia deixar de se ressentir

com ela por a ter forçado a sofrer também durante todos aqueles anos. Sozinha.

Nura sorriu para ela; era maternal e nostálgico. Evie sentiu uma dor no estômago ao olhar para ela, mas sorriu de volta de qualquer maneira, rezando para que a mãe ainda não conseguisse distinguir entre o seu sorriso sincero e o falso.

— Talvez pudesses ficar, então, Evie? Se o Trystan tiver de voltar ao trabalho? Podíamos tentar salvar esta massa juntas.

Nura estava tão esperançosa, e cada fibra da alma de Evie gritava para que ela cedesse, para que fosse complacente, pois certamente já tinha adiado isto por tempo suficiente. Nas últimas duas semanas, só tinha visto Nura quando Gideon também estava presente ou nas raríssimas vezes em que Lyssa falava com a mãe delas. Não que Evie não estivesse grata pela segurança da mãe ou pela recente estabilidade emocional de Nura. Mas não conseguia confiar nela.

Não tinha a certeza se sequer saberia como o fazer.

Quando a infância é regida pelos padrões dos outros, a criança aprende, em adulta, a obedecer-lhes. E, como era o seu padrão, quando a mãe de Evie tinha um dia bom, era sempre seguido por vários dias maus.

— Adoraria, mamã — começou Evie, sentindo-se um pouco como um coelho apanhado numa armadilha. — Mas tenho de trabalhar. Talvez outro dia? No fim da semana, se calhar?

O sorriso de Nura vacilou, uma tristeza que Evie reconheceu por detrás dos seus olhos castanhos e quentes.

— Oh! Claro, que disparete. Não devia ter presumido...

— Eu não tenho trabalho a fazer — disse Trystan, juntando as mãos à sua frente com expectativa.

Evie e a mãe olharam para ele, aguardando uma explicação.

— Está a gabar-se? — Evie inclinou a cabeça enquanto o observava. Teriam as duas semanas em que estiveram afastados desfeito completamente a sua capacidade de o ler? O que raio estava ele a fazer?

Ele ergueu-lhe uma sobrancelha antes de se virar para falar com a mãe dela.

— Estou a tentar dizer que teria todo o gosto em ajudá-la a cozinhar, se precisar de um par de mãos firmes.

Ah!

Não havia motivo para alarme.

Ele estava apenas a tentar virar o coração dela do avesso.

Aquela sensação terrivelmente quente a espalhar-se pelo seu peito só piorou quando o rosto da mãe se iluminou e os olhos se suavizaram, esperançosos.

— Oh, Trystan, querido, não teria coragem de lhe pedir isso. Tenho a certeza de que tem muitos assuntos a tratar.

O patrão começou a arregaçar as mangas até ficarem cuidadosamente dobradas à altura dos cotovelos. Os antebraços — que ela tinha a certeza de não ser suposto serem uma parte sensual do corpo, mas para os quais Evie deu por si a olhar de qualquer modo — foram revelados, e ela sentiu-se corar.

— Não tenho assunto nenhum a tratar — disse Trystan, dirigindo-se casualmente para a massa e olhando para Evie como se estivesse prestes a detonar. — A vantagem de ser o patrão é poder decidir a minha própria agenda sem reclamações dos meus subordinados.

— Eu não ia reclamar — resmungou Evie.

O Vilão lançou-lhe um olhar significativo enquanto tirava um avental bastante mais curto do pequeno armário e, sem dizer palavra, o entregava a Nura, que sorriu, ocupando-se com ele no canto da divisão.

— «Subordinado» implica que tenho algum tipo de controlo, Sage — disse ele baixinho, virando-se para apertar as fitas do seu próprio avental nas costas. — E eu diria que, aparentemente, tu não estás abaixo de mim.

— Por muito que ele gostasse que estivesse. — Blade sorriu, aparecendo junto ao ombro de Evie, vestindo uma camisa verde debaixo do colete cor de cobre. Ao ver o revirar de olhos dela, ele pôs o braço musculoso à sua volta.

Uma colher de metal voou pelo ar e atingiu Blade mesmo entre os olhos.

— Ai! — gritou o treinador de dragões, soltando Evie enquanto esfregava o local com um olhar acusador nos seus olhos âmbar.

— A mãe da Evie está presente, seu grosseirão desrespeitoso. — O Vilão deu um passo ameaçador em direção ao treinador de dragões.

Blade esfregou a testa, fitando-o furiosamente.

— Não sou eu que estou a despir a filha dela com os olhos.

As narinas do Vilão dilataram-se, e Evie meteu-se entre os dois antes que o patrão pudesse dar outro passo, estendendo a mão e detendo-o.

— Tenho quase a certeza de que a minha mãe acharia um assassinato violento mais ofensivo do que insinuações.

— Não tem de ser violento — disse o patrão secamente, antes de se virar para a tigela de massa deformada. — Já isto...

Nura avançou, o seu sorriso divertido com a cena a desvanecer-se numa careta quando olhou para a sua criação.

— Sei que está uma desgraça. Pensei que ajudaria se adicionasse aquela farinha cor-de-rosa estranha, mas aparentemente só piorou a textura.

— Usaste a minha farinha rosa?

Lyssa estava no vão da porta, com o cabelo preto agora dividido em duas tranças adornadas com fitas vermelhas, os olhos escuros redondos e brilhantes com lágrimas não derramadas e os dedos cerrados em punhos apertados.

— Era para os scones que eu ia fazer com o Edwin para o chá.

A mãe parecia não saber o que fazer com as mãos enquanto tentava encontrar algo para dizer à filha que a tinha ignorado quase completamente desde o seu regresso. Lyssa tinha recusado quase todas as tentativas de atenção de Nura, e Nura, apesar de todas as suas falhas, tinha aceitado isso com calma.

Até agora.

— Lyssa. — Nura estendeu a mão para a filha mais nova e estremeceu quando Lyssa se aproximou mais do lado de Evie. — Eu... eu sinto muito; não fazia ideia. Podes perdoar-me?

As sobranceiras escuras de Lyssa inclinaram-se para baixo, e Evie sentiu as mãos da irmã a tremerem contra a sua cintura.

— Não. Isso era meu, e tu arruinaste-o. Arruinaste *tudo*.

— Lyssa — disse Evie cuidadosamente, tentando alcançar a irmã mais nova, mas apanhando apenas o ar quando Lyssa se afastou e saiu a correr da divisão.

Um longo silêncio instalou-se na cozinha, e ninguém se mexeu um centímetro até Gideon espreitar, com o cabelo castanho-claro penteado para trás, longe do rosto.

— Tudo bem por aqui? Passei pela Lyssa, e ela parecia chateada.
Quando Evie finalmente encontrou coragem para olhar para o rosto da mãe, soube com certeza que o bom dia de Nura tinha acabado.
E Evie preparou-se.
Para um mau.



EVIE

O sol mal tinha nascido na manhã seguinte quando Evie se sentou na cama, agarrada ao peito, com uma dor lancinante, como se alguém a tivesse esvaziado e não tivesse deixado nada além de vazio.

Lyssa ressonava baixinho ao lado dela, sem sequer pestanejar quando Evie se levantou de um salto e se vestiu, completando todas as suas abluções matinais antes de fechar suavemente a grande porta de madeira. O seu horário de sono andava péssimo ultimamente; costumava acordar várias vezes durante a noite até finalmente desistir.

A luz do sol tinha acabado de começar a mostrar-se quando se aproximou sorrateiramente de uma janela, apoiando o braço no parapeito para espreitar a vasta extensão da Floresta das Nogueiras. Estava tão perdida em pensamentos que não ouviu passos a aproximarem-se.

— Bom dia, menina Sage! — chamou Marv, quase deixando cair um caixote que estava a inclinar-se demasiado para a esquerda.

Evie apressou-se a agarrar o outro lado, ajudando Marv a pousar o caixote no chão.

— Deuses, Marv. Estás a fazer mudanças?

Marv puxou a gola, envergonhado, e olhou timidamente para a caixa.

— Não, só a levar as doações para a entrada até serem transportadas. Muitos tesouros para os menos afortunados! Foi ideia da sua irmã.

O caixote estava cheio de recordações — um retrato oval de uma mulher muito bonita, um pisa-papéis em forma de flor, um conjunto de canetas, uma pequena caixa de ferramentas e algumas outras coisas.

Evie inclinou-se e pegou num novo maço de penas para escrever relatórios.

— Porque não pousas isto no armário de arrumação ali no corredor? Há muito espaço lá dentro e não terás de andar tanto com algo tão pesado.

Marv corou, mexendo nos dedos.

— Isso é muito generoso, menina Sage. Obrigado.

Ela deu-lhe um toque na bochecha e pegou no caixote, mas tinha sobrestimado a sua própria força. Quando o caixote bateu no chão, a caixa de ferramentas caiu e a tampa rachou-se na pedra. Lá de dentro caíram um pequeno martelo, uma chave de fendas mais pequena e vários parafusos novos e brilhantes.

Marv ajoelhou-se calmamente para os apanhar, e colocou-os de volta na caixa.

— Oh, deuses. Agora fiz uma confusão. As minhas sinceras desculpas, menina Sage.

Algo nos parafusos parecia familiar, e Evie não tinha a certeza porquê...

Até ouvir um estalido acima deles.

— Menina Sage! Cuidado! — gritou Marv, puxando Evie para o chão, longe do alcance de uma tampa de ventilação que desabara, caindo sobre ela e protegendo-a com o próprio corpo. O metal bateu contra o chão de pedra com um estrondo tão alto que a porta em frente à qual caiu se abriu de repente.

O quarto de Trystan.

— Que raio foi isto? — rugiu Trystan, sem camisa e despenteado, congelando quando viu Marv em cima de Evie a poucos metros de distância.

— Marv.

Marv parecia nervoso e assustado.

— Sim, senhor?

— Sai de cima dela agora. Se faz favor.

Marv saiu de cima dela a cambalear, e Trystan já estava ao lado de Evie, puxando-a para se levantar.

— Não seja grosseiro com ele — repreendeu ela. — O Marv acabou de me salvar de ser esmagada.

Marv franziu a testa ao olhar para os parafusos, percebendo algo que Evie já tinha começado a perceber.

— Ei. Estes parafusos... Alguém tentou desaparafusar a ventilação? Mas porquê?

— Para me esmagar de propósito — adivinhou Evie, lembrando-se do teto da mansão que desabara há algum tempo e dos seus parafusos perfeitamente intactos que de alguma forma se soltaram.

— Ou a mim — resmungou Trystan ao lado dela, chegando à mesma conclusão. — Marv. De quem são estas ferramentas?

Os olhos de Marv baixaram-se, tristes.

— Não me lembro. O caixote foi deixado para quaisquer itens a serem descartados no escritório. Estive lá a noite toda, senhor. Devia ter sido mais vigilante; devo reunir os funcionários para interrogatório? Ou pode interrogar-me a mim! — ofereceu Marv generosamente, sempre ansioso por ajudar.

— Não é necessário, Marv. Encontrarei as respostas sozinho — declarou Trystan, e Evie sentiu os pelos da nuca eriçarem-se.

— Eu posso ajudar — argumentou ela.

Trystan fechou os olhos com força, soltando um suspiro antes de voltar para os seus aposentos, murmurando enquanto caminhava...

— Não. Não podes.

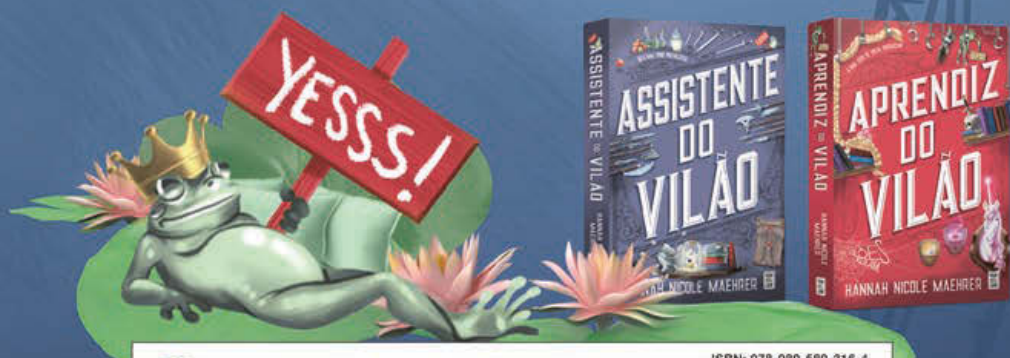
OFERECE-SE RECOMPENSA:

Aprendiz do Vilão procurada por traição (ligeira), danos em propriedade mágica (alegadamente) e um incidente envolvendo uma arma em forma de scone (sem tirar nem pôr). Vista com frequência na companhia de um sapo rabugento (que usa coroa e é muito opinativo). Responde ao chamamento «Evie» ou «Para com isso».

Tornar-se o braço-direito do mais aterrador vilão do reino não fazia parte dos planos de Evie Sage. Mas a verdade é que, se no início estava apenas a candidatar-se a um cargo que prometia «pouca papelada e uma ou outra decapitação», passado pouco tempo já se encontrava totalmente imersa num caos de magia e de conspirações de assassinato... e a sofrer de uma paixoneta completamente imprópria pelo seu chefe meditaundo e demasiado atraente.

Agora, com o desenvolvimento de uma profecia mágica, o aparecimento de assassinos na sala de descanso e uma quantidade muito suspeita de sapos a ostentar coroas, Evie tem de perceber como sobreviver ao seu emprego sem pegar fogo ao reino — nem à sua dignidade, presa por um fio incrivelmente sarcástico.

Ser cúmplice do mal nunca fez parte do plano a cinco anos. Mas apaixonar-se pelo Vilão também não...



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-316-4



9 789895 893164